

Revista digital Oil & Gas Brasil



Ano 2025 . Edição 61. nº 061

clique na logomarca do evento

FPS



3ª edição

PROJECTS, TECHNOLOGIES
AND INVESTMENTS
BRASIL EPICENTRO GLOBAL DE FPSOs
Exposição e Conferência sobre plataformas flutuantes de produção

Entrevista exclusiva



Ariovaldo Rocha,
Presidente do Sindicato Nacional da Indústria da Construção e Reparação Naval e Offshore (SINAVAL)

A indústria naval quer retomar 'Velocidade de Cruzeiro'

- * FPSO Bacalhau chegou ao seu destino na Bacia de Santos
- * Petrobras informa sobre descoberta no Campo de Búzios
- * Búzios 7 / FPSO Almirante Tamandaré inicia produção no pré-sal
- * Baker Hughes lança sistema submarino totalmente elétrico
- * Petrobras vai contratar 1780 novos empregados em 2025

A indústria vai as compras?



Retomada da indústria naval vai ajudar o Brasil a continuar crescendo



A Indústria Naval Quer Retomar 'Velocidade de Cruzeiro'

Entrevista Exclusiva: Ariovaldo Rocha, presidente do Sindicato Nacional da Indústria da Construção e Reparação Naval e Offshore (Sinaval)

por Julia Vaz



Foto: Divulgação

Esse é, sem dúvida, o maior desejo do setor, que nas duas últimas décadas vivenciou avanços e retrocessos.

“A retomada da indústria, naturalmente, passará por etapas nas quais o progressivo aumento na capacidade dos estaleiros de construir e entregar novas embarcações trará desafios que terão de ser enfrentados e vencidos”, pontua Ariovaldo Rocha, presidente do Sindicato Nacional da Indústria da Construção e Reparação Naval e Offshore (Sinaval).

O ‘combustível’ para alcançar ‘velocidade de cruzeiro’, com encomendas por um longo ciclo e incentivos à cadeia produtiva dessa indústria, é o Programa de

Renovação e Ampliação da Frota, iniciado em julho de 2024 e que resultou, até agora, na contratação de quatro navios da classe Handy com os estaleiros Mac Laren e Rio Grande, e a licitação de oito gaseiros.

“Nossa expectativa é que a indústria tenha sucesso nesse início da retomada dos negócios”, diz Ariovaldo Rocha, que também é vice-presidente da Associação Brasileira das Empresas da Economia do Mar (ABEEMAR), parceira do Sinaval.

Oil&Gas Brasil: Qual a expectativa da indústria naval brasileira com esses novos contratos com a Transpetro?

Ariovaldo Rocha : O programa estava sendo aguardado há muito tempo e foi lançado em um momento importante para reiniciar as contratações no Brasil. Nossa indústria naval e offshore vem de um longo período sem contratações, tanto de

entrevista exclusiva (continuação)

grandes navios quanto de embarcações de apoio marítimo.

A iniciativa governamental de prover condições para a recuperação da indústria foi fundamental e esses quatro navios Handy iniciais já estão contratados. A retomada da indústria, naturalmente, passará por etapas nas quais o progressivo aumento na capacidade dos estaleiros de construir e entregar novas embarcações trará desafios que terão de ser enfrentados e vencidos.

O início das contratações pelos Handysize e pelos gaseiros e, só futuramente, pelos navios de grande porte, nos parece adequado para a retomada dos negócios do setor naval em bases seguras e sustentáveis, capazes de garantir a continuidade das obras sem interrupções ou atrasos.

A possibilidade de construção por consórcios permitiu uma divisão de esforços e o compartilhamento de tarefas e responsabilidades, o que pode acelerar os processos e garantir o cumprimento dos compromissos assumidos, inclusive os prazos. Nossa expectativa é que a indústria tenha sucesso nesse início da retomada dos negócios.

Oil&Gas Brasil: O que a indústria naval espera conquistar dentro desse novo programa, que lembra o antigo Promef (Programa de Modernização e Expansão da Frota), mas abre portas par concorrentes ‘externos’ também?

Ariovaldo Rocha : Quanto à possibilidade de, acreditamos que a participação internacional na licitação dos gaseiros não será uma dificuldade intransponível. Você lembrou do Promef, no qual as contratações pelos estaleiros nacionais obrigavam a parceria com estaleiros internacionais de primeira linha, com experiência na construção de grandes navios, inclusive da classe Suezmax. Assim, a colaboração internacional já foi absorvida por nossos estaleiros e, se formos competentes como sempre fomos, a construção desses gaseiros no Brasil terá um sucesso comparável ao atingido na década passada.



Foto: Divulgação

Da esquerda para a direita, ministro Alexandre Silveira (Minas e Energia), João Azeredo (presidente da ABEEMAR), Geraldo Alckmin (vice-presidente da República), Ariovaldo Rocha, presidente Lula, e a presidente da Petrobras, Magda Chambriard, com diretora de Engenharia, Tecnologia e Inovação, Renata Baruzzi.

Oil&Gas Brasil: No âmbito do programa estão sendo contratadas 44 navios, que serão fundamentais para apoiar as operações da Petrobras, segundo a presidente da estatal, Magda Chambriard, somando investimentos de R\$ 23 bilhões. Quais as oportunidades para a indústria naval local?

Ariovaldo Rocha : Sem dúvida, essas 44 embarcações são um marco importante para a retomada da construção naval no Brasil, pois a Petrobras exigiu 40% de conteúdo local na fase de construção, com contratos de 12 anos. Essa exigência foi fundamental para reativar em grande escala esse segmento estratégico da construção naval.

Dentre elas, estão 12 PSVs (Platform Supply Vessel), cujos editais já foram concluídos, tendo como vencedoras as empresas STARNAV e BRAM Offshore, com seis embarcações cada. Ambas possuem estaleiros no Brasil e já sinalizaram que as construirão em suas respectivas instalações: o Estaleiro Navship, que construirá as embarcações para sua associada BRAM Offshore, e o estaleiro

Detroit Brasil, que construirá para a STARNAV. Detroit Brasil e Navship são associados ao Sinaval.

O total dos contratos é de R\$ 16,5 bilhões para construção e afretamento, sendo o valor total dos contratos para investimentos em construção naval no Brasil no valor de cerca R\$ 5,2 bilhões.

Oil&Gas Brasil: Há previsão de outros tipos de apoio embarcações – sendo 10 de apoio e resposta a emergências (as chamadas OSRVs (Oil Spill Recovery Vessels), oito para inspeção e intervenções em sistemas submarinos (RSVs) e duas para ancoragem de plataformas (AHTS)....

Ariovaldo Rocha : O edital para 10 ORSVs ((Oil Recovery Supply Vessel) também foi finalizado, com a Detroit vencendo a licitação para quatro embarcações e a CMM, para seis embarcações, que serão construídas no Estaleiro Enseada, na Bahia. Para março, está prevista a publicação do edital para oito navios RSVs (ROV Support Vessel) e ainda teremos o edital dos AHTS (Anchor Handling Tug Supply). Esse pacote de contratação de embarcações de apoio marítimo é essencial.

Oil&Gas Brasil: Pela ANP, o conteúdo local da construção é de 40% nesse tipo de embarcação Qual a nossa expectativa em relação a essas unidades?

Ariovaldo Rocha : Navios assemelhados a estes já foram construídos no Brasil, que era o segundo maior construtor mundial dessas embarcações na década passada, logo depois da Noruega. Acreditamos, portanto, que, quando forem lançados os editais, haverá participação de estaleiros brasileiros.

Como comentamos anteriormente, espera-se um desenvolvimento gradativo de nossa indústria naval, e a construção dessas embarcações tecnologicamente muito avançadas será uma evolução, uma próxima etapa na retomada do desenvolvimento dos estaleiros especializados na construção de navios para esse mercado do apoio marítimo.



Foto: Divulgação

Oil&Gas Brasil: **Temos condições de fazer unidades modernas como as ORSVs previstas, que incorporam tecnologias de última geração?**

Ariovaldo Rocha : Sim. A tecnologia para essas unidades está disponível no mercado e nossa expectativa é que os estaleiros brasileiros assumam esse desafio.

Oil&Gas Brasil: **As outras 12 são os navios da Transpetro...**

Ariovaldo Rocha : O Sim. Os quatro Handymax já licitados, tendo como vencedor o consórcio Ecovix-Mac Laren. O edital para oito gaseiros foi recentemente lançado, havendo grande expectativa de que essas embarcações também sejam construídas no País. Por fim, é importante ressaltar a demanda crescente pela construção de módulos de FPSOs, que exigirá um esforço conjunto entre a Petrobras, o Governo e o setor industrial para superar desafios estruturais, como a necessidade de um Fundo Garantidor. A solução desses gargalos será determinante para a continuidade e o fortalecimento da indústria naval e offshore brasileira.

Oil&Gas Brasil: **O presidente da Transpetro, Sérgio Bacci, anunciou que pretende lançar futuramente licitações para contratar pelo menos mais 13 embarcações até 2026, ampliando a capacidade logística da Transpetro em até 25%. Qual a expectativa em relação a essas licitações futuras de embarcações?**

Ariovaldo Rocha : Nossa expectativa é muito positiva. Afinal, os estaleiros brasileiros já demonstraram que são capazes de construir navios de transporte de petróleo e derivados com qualidade.

A tecnologia está disponível e os estaleiros estão se preparando para essas futuras licitações.



Foto: Divulgação

Oil&Gas Brasil: **Passamos por um período complicado, no qual todos os esforços para termos uma indústria naval forte e competitiva foram impactados. Como estamos hoje em termos de indústria naval, para atender a essas licitações todas – as atuais e as que podem vir?**

Ariovaldo Rocha : A paralisação dos estaleiros de construção naval e offshore foi, realmente, uma consequência danosa da

decisão dos Governos passados, instalados posteriormente a 2014, de direcionar para o Exterior as encomendas de embarcações e plataformas marítimas.

O incentivo dos Governos anteriores a 2014 para a construção de novas instalações e modernização das plantas industriais já instaladas deixou de existir e os investimentos não tiveram retorno financeiro devido à falta de encomendas. Os estaleiros tiveram que assumir as dívidas desses investimentos, levando vários deles a recorrerem à Recuperação Judicial. Milhares de trabalhadores perderam empregos de qualidade e bem remunerados e os fornecedores nacionais de materiais, equipamentos e serviços, que investiram em sua capacitação para atenderem aos estaleiros, também foram prejudicados.

As curvas de aprendizagem foram interrompidas cedo demais para que fossem atingidos índices de produtividade adequados e, mesmo assim, nas obras dos petroleiros construídos pelo Estaleiro Atlântico Sul, observou-se que os índices de HH/tonelada atingidos no décimo navio eram comparáveis aos observados nos estaleiros asiáticos. Estamos agora assistindo a um renascimento da indústria, com a expectativa da recuperação dos postos de trabalho nos estaleiros e nos fornecedores.

Oil&Gas Brasil: **Os bons ventos voltaram a soprar...**

Ariovaldo Rocha : O Governo atual está desenvolvendo estudos para novamente capacitar os trabalhadores e as empresas fornecedoras, e logo teremos condições de, progressivamente, atender a essas licitações.

Lembramos que o Sinaval sempre defendeu a ideia de uma política de Estado para a construção naval, para evitar que, no futuro, os governos mudem os rumos da indústria e pratiquem políticas casuísticas, interrompendo o desenvolvimento industrial e prejudicando as empresas. Este Governo, felizmente, está direcionando esforços para que passem a existir as desejadas políticas de Estado para nosso setor, em discussões que

entrevista exclusiva (continuação)

envolvem órgãos governamentais e todas as entidades representativas da indústria sob a coordenação do MDIC.



Foto: Divulgação

Oil&Gas Brasil: *Dezesseis embarcações já estão previstas no Plano de Negócios da Petrobras 2025-2029. Algumas já licitadas. Qual a nossa expectativa de conquistar contratos de unidades estacionárias de produção dentro dos prazos estabelecidos?*

Ariovaldo Rocha : O Sinaval está mantendo conversações com a Petrobras para que seja aumentada a participação nacional na construção das novas plataformas. Hoje as Unidades Estacionárias de Produção (UEPs) são muito maiores e têm uma capacidade de produção que parecia impensável há alguns anos, o que significa que as empresas que vencerem esses editais precisarão ter uma capacidade de financiamento muito maior. Isso é um grande gargalo para os estaleiros brasileiros que, devido a um calote bilionário da Sete Brasil, perderam seu principal instrumento de garantia, que era o Fundo Garantidor da Construção Naval (FGCN).

Sem esse mecanismo, fica quase impossível que os estaleiros nacionais participem competitivamente desses editais, pois hoje são poucos os grupos industriais e financeiros no mundo com condições de assumirem essas construções, o que levou a uma grande concentração desse mercado. No passado recente, foi possível atingir índices de conteúdo local elevado com a construção de módulos de FPSOs no Brasil – em alguns casos, quase a totalidade, sendo a exceção alguns módulos muito especializados que não podiam ser construídos aqui. Nos últimos governos, praticamente nossos estaleiros ficaram à margem desses contratos. Agora, há estudos sendo desenvolvidos pela Petrobras, com a colaboração do Sinaval e dos estaleiros especializados em obras offshore, no sentido de uma maior participação brasileira, e para algumas UEPs em construção o número de módulos contratados no País já é maior do que no passado recente.

Oil&Gas Brasil: *Conforme previsto no seu Plano e Negócios 2025-2029, a Petrobras planeja desmobilizar 10 plataformas até 2029, e os protocolos de intenções firmados têm como objetivo analisar a viabilidade do reaproveitamento dessas unidades. Iniciativas e projetos de reutilização de embarcações podem*

gerar benefícios, como a redução de custos logísticos, o fortalecimento da base de fornecedores e a promoção de melhores práticas de sustentabilidade. Quais as oportunidades de a indústria naval brasileira atuar nessas ‘modernizações’ de plataformas?

Ariovaldo Rocha : Acreditamos que nossos estaleiros poderão participar dessas revitalizações de plataformas, abrindo-se um novo mercado também para empresas associadas à Abeemar, que foi uma das entidades signatárias dos protocolos de intenções. Temos que aguardar os resultados dos estudos de viabilidade que serão necessários para avaliar essa revitalização pretendida para as plataformas que forem desmobilizadas, inclusive as 10 já identificadas.

Oil&Gas Brasil: *Como vêm sendo as negociações com os potenciais fornecedores, para assegurar que os contratos que forem conquistados serão cumpridos sem delays por atrasos em entregas desses fornecedores? Temos uma cadeia produtiva local capacitada para atender a essas demandas nos prazos?*

Ariovaldo Rocha : Não estamos acompanhando diretamente essas negociações, que estão sendo conduzidas pelos estaleiros contratantes. Devemos considerar que a cadeia de fornecedores brasileiros que atendem aos estaleiros também foi impactada pela paralisação dos grandes estaleiros nesta última década, mas acreditamos que os fornecedores nacionais estão se mobilizando para participar dessas contratações. Nos foros de discussão da retomada da indústria naval e offshore, especialmente nos Grupos de Trabalho coordenados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), as entidades representativas dos fornecedores, capitaneadas pela ABIMAQ e pela ABEMI, têm voz ativa e estão colaborando para o objetivo principal, que é a instituição de políticas de Estado para nossa indústria, que passam, evidentemente, pela defesa de um maior conteúdo local nas novas contratações do que o que foi praticado nos últimos anos.

entrevista exclusiva (continuação)

Oil&Gas Brasil: **Um esforço conjunto da cadeia produtiva...**

Ariovaldo Rocha : Lembremos que a atuação dessas entidades da indústria fornecedora é permanente, como foi demonstrado recentemente com as visitas técnicas de representantes dos fornecedores nacionais ao estaleiro que está construindo as fragatas da Classe Tamandaré em Santa Catarina com tecnologia alemã, com o objetivo de assimilação das tecnologias dos equipamentos a serem instalados nesses navios, para desenvolvimento de fornecedores brasileiros que possam participar dos fornecimentos ao estaleiro e à própria Marinha do Brasil.

Oil&Gas Brasil: **Qual a perspectiva do Sinaval par os próximos anos?**

Ariovaldo Rocha : Nossa principal mensagem é de esperança e otimismo. Esperança na continuidade da boa-vontade até agora demonstrada pelas autoridades que estão conduzindo nosso País desde 2022 com uma orientação – inspirada nas convicções do próprio Presidente Lula – de que devem ser retomados os conceitos da soberania do Brasil, que pode ser assegurada por uma indústria naval e offshore forte e pujante, e da necessidade, para a economia do País, da multiplicação dos empregos e da renda que podem ser proporcionados por nossa indústria.

E otimismo pela resposta positiva que os empresários e os trabalhadores brasileiros estão dando em virtude dessa orientação governamental. Tivemos muitos anos de desalento e tristeza, em que a esperança quase nos abandonou e o otimismo estava cada vez mais distante de nossas mentes.

Agora, finalmente, vemos a possibilidade de um futuro promissor em que haverá novamente empregos e desenvolvimento nos vários Estados da Federação onde estão instalados os estaleiros navais. Sabemos que a instalação de um estaleiro em uma localidade traz a essa

localidade – e a toda a região próxima – os benefícios materiais e sociais necessários ao seu progresso e a seu desenvolvimento. Um estaleiro é um núcleo civilizador da região ao seu redor e, por isso, devemos nos orgulhar de nossa atividade e ressaltar seu caráter de

nobreza. Nós do Sinaval sentimos esse orgulho e trabalhamos com dedicação para mantê-lo vivo. E sempre tentamos transmitir esse orgulho quando temos a oportunidade de fazê-lo.



Foto: Divulgação